

Indifolha

Weill compôs mais para teatro

Entre canções e concertos

37

Teatro

5

Orquestrais

5

Vocais

Fonte: The Thames and Hudson Dictionary of 20th-Century Musica

Pág 4-5

US\$ 200 milhões vão para lugares históricos

BID e MinC tentam viabilizar a partir de hoje acordo/empréstimo

O melhor da TV

George Bush
History Channel traz documentário sobre o ex-presidente dos EUA
Superstation, 20h30

Programa Livre
O convidado de hoje é o cantor Latino, SBT, 21h45



Folha Informações Ilustrada

0900-78-0311

Dicas de restaurantes e os melhores filmes em TVs pagas, cinema e vídeo

O custo é de R\$ 2,00 por minuto em todo o país. Sugestões ou reclamações (011) 224-3317



O ator Charlie Sheen em cena do filme “A Invasão”, ficção científica dirigida por David Twohy que está sendo lançada em vídeo. Pág. 4-6

‘Degenerados’ revivem cabaré

Gravadora Decca lança “Berlin Cabaret Songs”, na série ‘Entartete Musik’ (música degenerada), com canções de compositores banidos pelo regime nazista por ‘produzirem música corrompida’; fundação norte-americana edita em 35 volumes toda a obra de Kurt Weill



A cantora Ute Lemper na capa do CD “Berlin Cabaret Songs”, que traz canções de compositores banidos

MARCELO REZENDE da Reportagem Local

Em Berlim, por motivos misteriosos, a valsa alemã encontrou o jazz. Ao redor se juntaram prostitutas, cantoras e músicos. Era a Alemanha de Weimar (1919-1933), da inflação desumana e da alta cultura. Chamaram a isso cabaré.

“Berlin Cabaret Songs” é o mais novo lançamento do selo Decca para a coleção “Entartete Musik” (música degenerada), que ambiciona resgatar os músicos, canções e personagens que, após a ascensão do nazismo, foram condenados, por ordem de Adolf Hitler, ao mais completo esquecimento.

Entre aqueles que conseguiram partir para a América ou Suíça, no momento das condenações e perseguições, estavam os donos de pequenos cabarés berlinenses: Rudolf Nelson, Mischa Spoliansky e Friedrich Hollander.

Os três tinham em comum o meio de vida e o piano. O resultado foi uma série de canções que, por quase 70 anos, eram apenas sussurradas entre aqueles que atravessaram a Segunda Guerra e nunca se deixaram iludir por bandeiras, suásticas e flâmulas

“Ich Bin ein Vamp!”, “Sex-Appel” e “Maskulinim-Femininum”. Por obra do maestro Robert Zie-

gler suas canções —e também de Berthold Goldschmidt— sobre o amor pelo mesmo sexo ou à luxúria podem agora ser ouvidas na voz da cantora Uter Lemper.

Lemper é o que os franceses definem por “chanteuse”. Uma mulher não só capaz de cantar, mas de se atirar ao chão por desespero, bater com os punhos no próprio peito e gargalhar de ódio ou repulsa usando, apenas, a voz.

Com seu rosto que é quase uma homenagem a Marlene Dietrich (que encarnou no filme “O Anjo Azul”, de 1930, as esperanças e decadências do período), Lemper é uma reincidente.

Sua voz, face e trejeitos se projetaram em 1988 pela gravação de “Ute Lemper Sings Kurt Weill”. Na época conseguiu colocar o alemão Weill, aquele que muitos têm como o rei do gênero, entre os mais vendidos.

Enquanto a Europa ouve os velhos cabarés, a América prefere entendê-los por meio de suas partituras e escritos.

E, mais uma vez, o alvo é Weill (1900-1950), um compositor que, apesar de ter escrito concertos e óperas, parece ser lembrado apenas pelas canções “I’m a Stranger Here My Self” ou “Speak Low”, de sua fase de imigrante na América.

“Embora os nazistas tenham ro-

tulado sua música de ‘degenerada’ em 1933, por uma variedade de razões, ele escreveu pouco para cabarés”, disse à Folha David Stein, assistente editorial dos arquivos pertencentes à Fundação Kurt Weill, nos EUA.

Stein faz parte do “Weill Edition”, que pretende relançar, em edições críticas, toda a obra do compositor em 35 volumes. De suas colaborações com o dramaturgo Bertolt Brecht (1898-1956) às trilhas para Hollywood.

O primeiro volume, “Die Dreigroschenoper”, já pode ser comprado. O preço é US\$ 150.

Esses são hoje os novos elementos para tentar entender o que ocorreu com a Alemanha no mundo pós-Primeira Guerra.

Um país que mesmo na mais completa decadência econômica se transformava também em paraíso para toda a experimentação.

Com a chegada das fardas cinzas e do hitlerismo, tudo mudou rapidamente. Os cabarés foram fechados e os discos, escondidos, apesar de serem de fácil identificação.

As mulheres na capa geralmente usavam negro e cantavam estar “perdidas na escuridão”, acrescentando que tudo sempre termina “cedo demais”.

Weill-Lenya Research Center (7 east 20th Street, Nova York, NY; fone: 001/212/505-5240).



Ziegler, Lemper e o compositor Berthold Goldschmidt durante gravação

ENTARTETE MUSIK

URSS teve perseguidos

da Reportagem Local

Na ex-URSS a perseguição aconteceu em nome do realismo socialista. Em 1989 foram descobertas milhares de fitas contendo músicas também “degeneradas”.

O segundo número da edição brasileira da revista “Classic CD” (R\$ 10) trará em seu CD-brinde uma mostra desse trabalho.

“Canções são voltadas para a intimidade”, diz Ziegler

da Reportagem Local

O trabalho do maestro Robert Ziegler, do Matrix Ensemble, em “Berlin Cabaret Songs”, foi o de um arqueólogo do futuro.

Para ele, o que mais interessava não era o caráter apenas documental, mas fazer com que cada uma das canções de Spoliansky, Hollander ou Goldschmidt sobrevivessem, também, como objetos de consumo, dando ao ouvinte não só história, e sim o mesmo prazer do antigo frequentador de um cabaré.

De seu escritório da gravadora Decca, em Londres, Ziegler falou por telefone à Folha sobre as pesquisas que o levaram até o encontro da música de cabaré que, para ele, se define “pelo sexo e pela política”.

(MR)

★
Folha - Como foi o processo de pesquisa para a realização de “Berlin Cabaret Songs”? Os outros trabalhos lançados se voltaram para a composição erudita. Agora a coleção “Entartete Musik” chega ao popular?

Robert Ziegler - Eu fui o responsável por toda a pesquisa, pois me interesse pelo gênero há quase dez anos, quando tive a oportunidade de executar a obra de alguns dos mais conhecidos compositores do período.

Depois dessa experiência, decidi pesquisar aqueles compositores que quase não tiveram documentados seus trabalhos. Então, fiz a proposta para o produtor Michael Haas, responsável pela coleção “Entartete Musik”.

Por coincidência, ele estava pen-

sando em realizar algum projeto com Ute Lemper. Assim, decidimos unir as duas coisas, e o resultado foi esse.

Folha - E qual sua tarefa na recuperação?

Ziegler - Minha tarefa, além da procura pelo material, foi a da orquestração. Grande parte das canções sobreviveu em gravações em 78 RPM, e era executada apenas com voz e piano. Foi necessário atualizá-las, fazendo com que soassem ‘atuais’, atrativas, e ao mesmo tempo não perdessem suas características.

Folha - Como podemos definir uma canção de cabaré?

Ziegler - Ah! Essa é uma ótima pergunta. A canção de cabaré está voltada para a intimidade, porque era executada em pequenos ambientes. Nessa situação, temos en-

tão o sexo e a política como os temas principais.

A maioria dos compositores tinha uma visão muito sofisticada da música, mas tudo existiu em um período muito curto.

Folha - Para a maioria das pessoas, Kurt Weill é ainda um sinônimo de música de cabaré.

Ziegler - Acho que isso é um mal-entendido. Weill foi um músico que circulou por pouco tempo entre as canções de cabaré. O que ele fez foi adaptar o popular ao sofisticado. Usou a herança da cultura de cabaré para outros fins, como em suas óperas ou nas canções escritas depois que imigrou para os EUA.

Disco: Berlin Cabaret Songs
Lançamento: Decca (importação)
Preço: R\$ 25 (em média)



O músico alemão Kurt Weill, em foto feita nos anos 20 na Alemanha